

28-03-2023

O que queremos como formas de participação dos trabalhadores?

Claudia Osorio

[Professora aposentada e Docente permanente do PPG Psicologia da Universidade Federal Fluminense]

É pela via da transformação social que a Saúde do Trabalhador (ST) visa solidificar suas ações, buscando uma sociedade na qual as pessoas possam usufruir de condições de vida mais igualitárias. Afirma-se na escolha política pela aliança com os trabalhadores contra a exploração. Na constituição desse campo, a experiência italiana teve uma grande influência, dando sustentação à politização do debate. Oddone e sua equipe (2020) buscaram meios que permitissem assessorar os trabalhadores ampliando suas possibilidades de agir sobre o meio de trabalho e sobre si mesmos. A participação dos trabalhadores nas análises e produção de mudanças nos processos de trabalho é considerada indispensável. Mas, a participação direta dos trabalhadores é pouco presente nas ações de ST. A noção de participação proposta no campo da ST é sobretudo a de representação dos trabalhadores organizados, principalmente em sindicatos e em diferentes conselhos e fóruns, em que aspectos técnicos e organizativos do trabalho são negociados. E hoje, com o agravamento da precarização do trabalho e a flexibilização dos direitos trabalhistas, as formas de participação por representação e as tradicionais estratégias de luta por melhores condições de trabalho têm sido minadas. Na clínica da atividade também se considera que as transformações desejadas só são consistentes se elas se dão por iniciativa dos próprios trabalhadores. Sua atividade orienta-se para os coletivos de trabalho, visando a construção de dispositivos que estabeleçam o diálogo, entre trabalhadores, sobre seu próprio trabalho. Busca ampliar os recursos transpessoais do ofício como instrumentos de ação para viver novas experiências e para enfrentar velhas situações (Clot, 2010; Osorio da Silva, 2016). O diálogo sobre o trabalho convoca um interlocutor virtual, o gênero da atividade profissional (Clot, 2014), constituído no coletivo de ofício.

Variações nos modos de fazer, controvérsias próprias do ofício e pontos de vista pessoais são então trazidas à cena, possibilitando uma gestão coletiva que usa o pensar diferentemente como motor do desenvolvimento. O objeto teórico e prático que buscamos apreender é precisamente esse trabalho de organização do coletivo no seu meio, seus sucessos e seus fracassos.

Ao afirmar o trabalhador como protagonista da análise, a clínica da atividade propõe como participação algo bem diferente da participação via representação política, embora as duas formas de participação possam coexistir. Quando, na atividade de trabalho, o trabalhador agencia os recursos de um ofício ou profissão - o conjunto de seus conhecimentos historicamente consolidados, seus instrumentos concretos e semióticos - em função do ato presente, ele amplia seu poder de agir. Isto será decisivo para que o trabalho seja gerador de saúde (Canguilhem, 2009), para que os trabalhadores consigam promover em seu cotidiano novas relações com os seus objetos de trabalho, com os outros trabalhadores e com eles próprios, produzindo assim novos modos de viver o trabalho, de serem eles mesmos em seu ambiente profissional, um processo que é sempre transformável e inacabado. Buscamos, por essa clínica, uma transformação ensejada a partir do diálogo entre o saber acadêmico e os saberes práticos envolvidos numa situação. O objetivo é transformar principalmente a organização do trabalho. Propomos que os trabalhadores sejam pensados como os autores da transformação e não quaisquer especialistas ou consultores em psicologia, ergonomia ou outros aportes teóricos. O *clínico* dá suporte a uma experiência que possibilita a transformação, não emite conselhos de como o trabalho deve ser feito, tendo como referência uma concepção científica asséptica. Ao encarar o trabalho como atividade entendemos o trabalho como uma instância de saúde e subversão, no qual instituem-se novas normas de trabalho e de vida. Nesse movimento normativo, os trabalhadores produzem uma experiência encarnada do corpo, que é fonte e recurso tanto para a atividade deles quanto para a atividade de pesquisa. Esse é um ponto chave que, mais uma vez, nos remete à herança advinda do movimento operário italiano. Esse protagonismo se torna possível a partir do momento que sustentamos a aposta clínica de mobilizar métodos de coanálise que tomem o trabalho como objeto de discussão, de controvérsia, no coletivo, produzindo-se uma atividade de pensamento sobre a atividade de trabalho. Essas são as pistas que buscamos conjugar na construção dos nossos percursos metodológicos no Brasil.

■ ■ ■

Referências

- Canguilhem G. *Normal e Patológico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009.
- Clot Y. Gêneros e estilos profissionais. *Laboreal*, 10(1):95-7, 2014.
- Clot Y. *Trabalho e Poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- Osorio da Silva C. Clínica da Atividade e Análise Institucional: inflexões do transformar para compreender. In *Clínicas do trabalho e análise institucional*. Rio de Janeiro: Nova Aliança Editora e Papéis, 2016. [p.37-64]
- Oddone, I. *O Ambiente de Trabalho: A Luta dos Trabalhadores pela Saúde*. São Paulo: Hucitec, 2020.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.